

Entender a guerra para promover a paz: o inimigo em comum, o poder e a violência como meio e fim nos dias de hoje e nos dias de sempre¹

Ana Cristina Sampaio

Resumo

O que é a guerra? Quem a faz? Qual é o objetivo? Se, mesmo com todos os esforços dos que desejam a paz, a humanidade continua elegendo inimigos a quem faz de alvo e com quem gasta fortunas para aniquilar, seria a guerra realmente um advento indispensável? O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o tema da guerra, tão atual, à luz da troca de cartas entre Albert Einstein e Sigmund Freud na década de 1930, que deu origem ao texto “Por que a guerra?” (1932-1933). Propomos um debate sobre os meandros do poder e da violência das guerras como resposta de alguns à pulsão de morte que habita em todos nós. Segundo a reflexão que Freud faz em sua troca de cartas com Einstein, a violência não é algo que possa ser eliminado dos sujeitos, uma vez que é intrínseca à subjetividade humana — a agressividade está entranhada em nossa dimensão pulsional. Fugir dela, portanto, não faz com que ela deixe de existir; talvez, inclusive, torne mais bruta a força.

Palavras-chave:

Guerra; Poder; Pulsão de morte; Sigmund Freud.

¹ Trabalho original apresentado durante a V Jornada de Inverno do Fórum do Campo Lacaniano Região Serrana/RJ em julho de 2023 e no XXIII Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano em novembro de 2023.

Understanding war to promote peace: the common enemy, power and violence as means and ends today and always

Abstract

What is war? Who battles? What for? If, despite all the efforts of those who desire peace, humanity continues to choose enemies that it targets and spends fortunes to annihilate, is war actually an indispensable advent? This article aims to reflect on the topic of war, which is so current, in light of the exchange of letters between Albert Einstein and Sigmund Freud in the 1930s, which later became the text “Why war?” (1932-1933). We propose a debate about the intricacies of the power and violence of wars as a response by some to the death drive that lives in all of us. According to the reflection that Freud makes in his exchange of letters with Einstein, violence is not something that can be eliminated from subjects, since it is intrinsic to human subjectivity — aggressiveness is ingrained in our drive dimension. Running away from it, therefore, does not make it cease to exist; perhaps it will even make the force more brutal.

Keywords:

War; Power; Death drive; Sigmund Freud.

Entender la guerra para promover la paz: el enemigo común, el poder y la violencia como medios y fines hoy en día y siempre

Resumen

¿Qué es la guerra? ¿Quién hace? ¿Cuál es el objetivo? Si, a pesar de todos los esfuerzos de quienes desean la paz, la humanidad continúa eligiendo enemigos a los que apunta y gasta fortunas para aniquilarlos, ¿sería realmente la guerra un advenimiento indispensable? Este artículo pretende reflexionar sobre el tema de la guerra, tan actual, a la luz del intercambio epistolar entre Albert Einstein y Sigmund Freud en los años 1930, que dio origen al texto “¿Por qué la guerra?” (1932-1933). Proponemos un debate sobre las complejidades del poder y la violencia de las guerras como respuesta de algunos a la pulsión de muerte que vive en todos nosotros. Según la reflexión que hace Freud en su intercambio epistolar con Einstein, la violencia no es algo que se pueda eliminar de los sujetos, ya que es intrínseca a la subjetividad humana — la agresividad está arraigada en nuestra dimensión pulsional. Huir de él, por tanto, no hace que deje de existir; tal vez incluso haga que la fuerza sea más brutal.

Palabras clave:

Guerra; Poder; Pulsión de muerte; Sigmund Freud.

Comprendre la guerre pour promouvoir la paix : l'ennemi commun, le pouvoir et la violence comme moyens et fins aujourd'hui et toujours

Résumé

Qu'est-ce que la guerre ? Qui la fait ? Quel est l'objectif ? Si, malgré tous les efforts de ceux qui désirent la paix, l'humanité continue de choisir des ennemis qu'elle cible et dépense des fortunes pour les anéantir, la guerre serait-elle vraiment un avènement indispensable ? Cet article vise à réfléchir sur le thème si actuel de la guerre, à la lumière de l'échange de lettres entre Albert Einstein et Sigmund Freud dans les années 1930, qui a donné naissance au texte « Pourquoi la guerre ? » (1932-1933). Nous proposons un débat sur les subtilités de la puissance et de la violence des guerres comme réponse de certains à la pulsion de mort qui nous habite tous. Selon la réflexion que Freud fait dans son échange de lettres avec Einstein, la violence n'est pas quelque chose qui peut être éliminé des sujets, car elle est intrinsèque à la subjectivité humaine — l'agressivité est enracinée dans notre dimension pulsionnelle. Le fuir ne signifie donc pas qu'il cesse d'exister; peut-être que cela rendra même la force plus brutale.

Mots-clés :

Guerre ; Pouvoir ; Pulsion de mort ; Sigmund Freud.

O que é a guerra? Quem a faz? Quem nela luta? Contra quem? Qual é o objetivo? E mais: afinal de contas, se, mesmo com todos os esforços dos que desejam a paz, a humanidade continua elegendo inimigos a quem faz de alvo de suas frustrações e com quem gasta fortunas para aniquilar, seria a guerra um advento necessário, intrínseco, indispensável?

A Primeira Guerra Mundial, esse infeliz acontecimento da história da espécie humana, aconteceu oficialmente de julho de 1914 a novembro de 1918. Cento e nove anos atrás; historicamente, ontem. Inúmeras famílias foram destroçadas, vidas foram interrompidas, esperanças se perderam. Sigmund Freud, à época, passou por momentos de grande sofrimento — perdeu um filho, perdeu todas as suas economias e sobreviveu graças à ajuda de amigos e ex-pacientes.

A Primeira Grande Guerra, na realidade, é só um exemplo. Vivemos em guerra — na Ucrânia, no Complexo do Alemão, no cerco a comunidades indígenas na Amazônia, na Faixa de Gaza, logo ali na esquina. As maiores vítimas, sem erro: pessoas pretas, periféricas, pobres, LGBTQIAPN+, os povos originários, mulheres, crianças. Quem é socialmente mais frágil. Os algozes: homens brancos ricos e poderosos, que decidem de seus gabinetes quem vive e quem morre, qual a *fake*

news da vez, qual direito conquistado será sequestrado em seguida, obviamente baseados em interesses próprios.

No ano 1931, o Instituto Internacional para a Cooperação Intelectual, órgão da Liga das Nações, precursora da Organização das Nações Unidas (ONU), estabeleceu uma espécie de jogo entre intelectuais da época. Como uma comunidade que se volta a seus sábios para entender as grandes questões de seu tempo, a ideia era promover uma troca pública de correspondências para discutir temas diversos. A Liga das Nações tinha como objetivo principal pensar e promover a paz mundial.

Em 1932, 14 anos após o fim da Primeira Guerra e a seis anos do início da Segunda, Albert Einstein, físico alemão responsável pela teoria da relatividade, um dos personagens mais importantes da história contemporânea, foi um dos primeiros convidados pelo projeto a escrever, e escolheu falar a Freud, que conhecera brevemente alguns anos antes, mas cujo trabalho acompanhava, ainda que suas áreas de atuação fossem tão distantes. Em sua carta, o físico questionava o psicanalista sobre os meandros psíquicos da guerra.

Em linhas gerais, o alemão discute o advento da guerra em seus aspectos políticos e sociais para as nações. Sobre a dimensão política da guerra, em palavras que certamente soarão familiares a nós, latino-americanos do século XXI, Einstein diz:

Estão em jogo fatores psicológicos de peso que paralisam tais esforços. Alguns desses fatores são mais fáceis de detectar. O intenso desejo de poder, que caracteriza a classe governante em cada nação, é hostil a qualquer limitação de sua soberania nacional. Essa fome de poder político está acostumada a medrar nas atividades, de um outro grupo, cujas aspirações são de caráter econômico, puramente mercenário. Refiro-me especialmente a esse grupo reduzido, porém decidido, existente em cada nação, composto de indivíduos que, indiferentes às condições e aos controles sociais, consideram a guerra, a fabricação e venda de armas simplesmente como uma oportunidade de expandir seus interesses pessoais e ampliar a sua autoridade pessoal. (Freud, 1932-1933/1996)

Finalmente, Einstein faz a Freud três perguntas: Há alguma forma de livrar a humanidade da ameaça da guerra? Como os mecanismos de poder conseguem despertar nos homens um entusiasmo extremo, a ponto de sacrificarem suas vidas? É possível controlar a evolução da mente humana, de modo a tornar-nos à prova do ódio e da destrutividade?

Einstein conclui sua carta de forma otimista, defendendo que, se a população conseguir reunir-se em torno do objetivo da paz mundial, será possível deslocar a violência da guerra para o campo da linguagem, das palavras. Na opinião do físico, o fim da guerra não seria um sonho tão distante. Então, passa a palavra a Freud, que, no entanto, responde a Einstein em um tom definitivamente mais

pessimista — ou, melhor dizendo, realista. Eis aí, portanto, o texto “Por que a guerra?”, de 1933, porém ainda tão atual que parece ter sido escrito esta semana.

No início, o psicanalista explora a intrínseca relação entre direito e poder. Para tal, ele equipara os termos “poder” e “violência”. O direito é oriundo da violência, uma vez que as leis surgem para controlar o poder de dominação entre os membros de uma comunidade, pois sempre houve a luta por poder ou a prevalência da vontade de ser mais forte que seu par, seja pela dominação física, seja pelo controle intelectual, que nada mais é do que a violência apoiada no intelecto.

A evolução desse estágio é *l’union fait la force*, a união faz a força, quando então os membros da comunidade como um todo se unem para prevalecer sobre um indivíduo forte por meio de leis e direitos. A lei como a força de um grupo, de acordo com Freud, ainda é violência:

Pronta a se voltar contra qualquer indivíduo que se lhe oponha; funciona pelos mesmos métodos e persegue os mesmos objetivos. A única diferença real reside no fato de que aquilo que prevalece não é mais a violência de um indivíduo, mas a violência da comunidade. (Freud, 1932-1933/1996)

Para que esse esquema tivesse sucesso, as comunidades fossem justas, e os indivíduos, tratados de forma igualitária, a união da maioria deveria ser “estável e duradoura” (Freud, 1932-1933/1996), o que, como é sabido, não acontece. Logo, surge o desequilíbrio entre os fortes e os fracos, os de maior e menor poder, os governantes e os governados. Em cultura em que o importante é ser o mais poderoso, todos querem o topo, e, obviamente, no topo só há lugar para poucos: faz-se, pois, a guerra.

A ideia de um poder ligado a um grupo isento de indivíduos, para Freud, não seria bem-sucedida, pois os países teriam que abrir mão igualmente de seus poderes nacionais. A única possibilidade, segundo ele, seria a instauração de uma autoridade suprema, acima de tudo e todos. Entretanto, mesmo esse cenário implicaria atribuição de poder, e, por consequência, a violência acabaria ressurgindo. E a violência sempre retorna.

Atualmente não existe ideia alguma que, espera-se, venha a exercer uma autoridade unificadora dessa espécie. Na realidade, é por demais evidente que os ideais nacionais, pelos quais as nações se regem nos dias de hoje, atuam em sentido oposto. Algumas pessoas tendem a profetizar que não será possível pôr um fim à guerra, enquanto a forma comunista de pensar não tenha encontrado aceitação universal. Mas esse objetivo, em todo caso, está muito remoto, atualmente, e talvez só pudesse ser alcançado após as mais terríveis guerras civis. Assim sendo, presentemente, parece

estar condenada ao fracasso a tentativa de substituir a força real pela força das ideias. Estaremos fazendo um cálculo errado se desprezarmos o fato de que a lei, originalmente, era força bruta e que, mesmo hoje, não pode prescindir do apoio da violência. (Freud, 1932-1933/1996)

Freud diz a Einstein, então, lançando mão de sua teoria, que a violência não é algo que possa ser eliminado dos sujeitos, uma vez que é intrínseca à subjetividade humana, está entranhada em nossa dimensão pulsional.

As pulsões, forças motrizes da psique humana, limítrofes entre o físico e o psíquico e que constituem um dos conceitos mais fundamentais da psicanálise, dividem-se, segundo o austríaco, em dois tipos. As pulsões de vida são energias vitais, que Freud explica como sendo eróticas, sexuais, aquelas que se direcionam à produção, à vida para fora de nós mesmos. As pulsões de morte, por sua vez, dizem respeito aos ímpetos de destruição e agressividade, são energias que direcionam os sujeitos para a raiva e a violência. As pulsões são igualmente importantes e necessárias, pois se trata dos pares amor e ódio, atração e repulsa, e, em um estado desejável da subjetividade, elas coexistem em equilíbrio, provendo ao sujeito tanto a potência para produzir e se lançar no mundo quanto a força de se autopreservar, defendendo-se quando preciso for.

As grandes guerras, torturas e infrações de direitos humanos, que se põem a defender causas ditas “nobres”, como a Igreja Católica na época da Inquisição, ou a pátria, como ocorre nas ditaduras, nada mais são do que sujeitos apegados a ideais de poder a fim de defender sua posição. A pulsão de morte vira violência e agressividade, se for direcionada para fora do indivíduo, a um objeto externo, mas permanece em parte dentro dele, e jamais pode ser eliminada por completo, mesmo se, em um cenário absolutamente utópico, a equanimidade e os direitos de todos os seres forem atingidos.

Aqui, cabe expandir a leitura da obra freudiana. O conceito de masoquismo primário foi introduzido por Freud no artigo “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905/1996) e posteriormente elaborado em “Além do princípio do prazer” (Freud, 1920/1996). Esse fenômeno remete a uma forma primordial de prazer intimamente vinculada à dor, em que o indivíduo busca a satisfação pela submissão a um objeto de desejo.

No contexto de “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1905/1996) sugere que o masoquismo primário está intrinsecamente ligado às fases iniciais do desenvolvimento sexual infantil. Nesse estágio, a criança vivencia o prazer associado à excitação e à dor. Segundo o psicanalista, durante essa fase, o indivíduo pode encontrar satisfação erótica, ao se identificar com o agressor ou ao se submeter a situações dolorosas.

Alguns anos depois, em “Além do princípio do prazer”, Freud (1920/1996) revisita o tema do masoquismo, introduzindo a ideia da pulsão de morte. Nesse contexto, a busca pelo prazer é intrinsecamente conectada à destruição e à dor. O masoquismo primário é interpretado como um componente complexo das dinâmicas entre as pulsões de vida (*eros*) e de morte (*thanatos*) na teoria freudiana.

No âmbito cultural, tal manifestação pode traduzir-se em fenômenos como a entrega excessiva a autoridades, a aceitação passiva de condições sociais adversas e até mesmo a participação voluntária em experiências desafiadoras. Essas dinâmicas exercem influência na criação de hierarquias sociais, na definição de comportamentos de grupos e mesmo na configuração de estruturas de poder.

A compreensão do masoquismo primário dentro do contexto social promove reflexões sobre como as pessoas lidam com o desconforto, a submissão e a dor em suas interações cotidianas. Além disso, Freud aqui nos oferece uma lente para examinarmos sistemas sociais que permeiam relações de poder e controle, as guerras e as relações entre os indivíduos.

Também em “O mal-estar na civilização” (Freud, 1930/1996), um dos chamados textos culturais mais relevantes de sua obra, Sigmund Freud tece uma análise profunda sobre a guerra como uma expressão extrema do conflito inerente entre as demandas da civilização e as pulsões humanas fundamentais. Assim como reafirma posteriormente em sua correspondência a Einstein, o psicanalista defende no texto de 1930 que a agressividade intrínseca à psique humana, a pulsão de morte, é uma força poderosa, que se manifesta em conflitos interpessoais e culturais, podendo culminar nas guerras.

A civilização, para Freud, impõe restrições às pulsões individuais em prol da convivência social. No entanto, o preço pago por essa ordem social é o que ele chama de mal-estar resultante da renúncia às pulsões primordiais. A guerra é uma manifestação trágica de tal conflito, em que as pulsões destrutivas emergem em escala coletiva. Freud reconhece os efeitos devastadores da guerra, incluindo a perda de vidas, como consequências do impasse entre a necessidade de ordem social e a persistência das pulsões destrutivas.

Assim, Freud tece uma narrativa complexa sobre a guerra, situando-a como um sintoma do conflito mais amplo entre as pulsões humanas e as normas da civilização.

Há, entretanto, uma saída. Freud responde ao questionamento de Einstein sobre a possibilidade do fim da guerra afirmando de forma categórica que os avanços da civilização são a única maneira de fazer frente aos ímpetos de violência. Essa, que está diretamente ligada aos desejos, ambições, formas de lidar com interesses que compõem a alma humana, não é, como foi dito, passível de cura de qualquer espécie. O que existe é a mitigação de seus destinos. Voltando-se o olhar para a violência em cada um dos sujeitos, em vez de negá-la, e compreendendo que so-

mos feitos a partir dela, e não apesar dela, é possível simbolizá-la e direcioná-la a outros aspectos da vida: a arte, a produção intelectual, as relações interpessoais. O que pode ser feito é que se desvie essa potência agressiva do objetivo da guerra. Nas palavras de Freud:

Dentre as características psicológicas da civilização, duas aparecem como as mais importantes: o fortalecimento do intelecto, que está começando a governar a vida pulsional, e a internalização dos impulsos agressivos com todas as suas conseqüentes vantagens e perigos. Ora, a guerra se constitui na mais óbvia oposição à atitude psíquica que nos foi incutida pelo processo de civilização, e por esse motivo não podemos evitar de nos rebelar contra ela; simplesmente não podemos mais nos conformar com ela. Isto não é apenas um repúdio intelectual e emocional; nós, os pacifistas, temos uma intolerância constitucional à guerra, digamos, uma idiosincrasia exacerbada no mais alto grau. (Freud, 1932-1933/1996)

O psicanalista destaca ainda que, nos conflitos entre as nações e os grupos, aqueles que empunham as armas não sabem ao certo por que lutam. Como no filme *Tempos modernos*, de Chaplin (1936), em que os funcionários da fábrica atarraxam mecanicamente os parafusos de uma máquina que jamais verão pronta, os soldados e policiais aprendem a apertar o gatilho contra indivíduos essencialmente iguais a eles, porém sem saberem precisar bem o porquê. Diz-se que é em nome da conciliação, da trégua — ora, onde já se viu perpetrar a violência para alcançar a paz? Nas palavras da grande Marielle Franco em 2018: “Quantos mais vão precisar morrer para que essa guerra acabe?”

E quanto tempo teremos de esperar até que o restante da humanidade também se torne pacifista? Não há como dizê-lo. Mas pode não ser utópico esperar que esses dois fatores, a atitude cultural e o justificado medo das conseqüências de uma guerra futura, venham a resultar, dentro de um tempo previsível, em que se ponha um término à ameaça de guerra. Por quais caminhos ou por que atalhos isto se realizará, não podemos adivinhar. Mas uma coisa podemos dizer: tudo o que estimula o crescimento da civilização trabalha simultaneamente contra a guerra. (Freud, 1932-1933/1996)

Retornando ao início de meu texto, mais especificamente à pergunta “afinal, a guerra é necessária?”, digo a vocês, repetindo o recado de Freud a Einstein: a violência é humana. Ela faz parte de nós, não pode ser apagada de nossa trama psíquica. A guerra mora em nós tanto quanto a paz.

É preciso mais do que nunca lutar contra a violência que assola o mundo, direcionando-nos para os objetivos civilizatórios de educação e afeto, priorizando livros e abraços a armas e dedos em riste. Todos os seres são igualmente merecedores de habitar sua pele e o planeta, com direitos e deveres, em equanimidade. Como psicanalistas, não podemos nos furtar a escutar a violência e a agressividade dos sujeitos, pois somente assim, encarando-as de frente, permitindo que elas povoem as associações, poderemos trabalhar com elas e, com sorte e muito trabalho, nossos analisandos também.

Segundo Sigmund Freud, em uma mensagem de quase um século atrás, mas tão atual, somente encarando nossa pulsão de morte, nossa tendência à agressividade, essa verdade que faz parte de todo e qualquer indivíduo e não pode ser curada nem evitada, conseguiremos neutralizar a violência. Em resumo: para promover a paz, é preciso compreender que a guerra está em nós.

Referências bibliográficas

- Chaplin, C. (1936). *Tempos modernos*. Estados Unidos: United Artists/Charles Chaplin Productions.
- Franco, M. (2018, 13 de março). Mais um homicídio de um jovem que pode estar entrando para a conta da PM. Matheus Melo estava saindo da igreja. Quantos mais vão precisar morrer para que essa guerra acabe? Rio de Janeiro. Twitter: @mariellefranco. Recuperado de twitter.com/mariellefranco
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1996). Além do princípio do prazer. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1996). Por que a guerra? In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932-1933)

Recebido: 01/06/2023

Aprovado: 15/06/2023